

# Rodas de conversa sobre o brincar: uma estratégia para investigação com crianças

## Conversation Circles About The Play: a Strategy For Research With Children

Carmem Virgínia Moraes da Silva<sup>1</sup>, Liana Gonçalves Pontes Sodré<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute a estratégia das rodas de conversa na investiga o do brincar, a partir da articula o entre as concep es de brincadeira, vivência e cultura na perspectiva sociohistórica de Vigotski. A pesquisa que subsidia tais discussões teve como tema o brincar das crianças do campo e os participantes foram oito crianças (cinco meninos e três meninas) de uma turma da Educa o Infantil do Campo, na rede pública de Vitória da Conquista, Bahia. As discussões envolveram a apresenta o das rodas de conversa como estratégia grupal na pesquisa com crianças e o brincar como um processo do desenvolvimento humano e passível de ser investigado a partir desta estratégia.

**Palavras-chave:** brincar, pesquisa com criança, rodas de conversa.

**Abstract:** This paper discusses the strategy of conversation circles in the investigation of play, from the relationship between the play, experience and culture conceptions in socio-historical perspective of Vygotsky. The research that supports such discussion theme was the play of children from the camp and participants were eight children (five boys and three girls) of a class from kindergarten in rural areas, in public schools Vitoria da Conquista, Bahia. Discussions involved the presentation of the group strategy as conversation circles in research with children and play as a process of human development and that can be investigated from this strategy.

**Keywords:** play, search with child, conversation circles.

---

1. Universidade do Estado da Bahia

# Rodas de conversa sobre o brincar: uma estratégia para investigação com crianças

Carmem Virgínia Moraes da Silva

Liana Gonçalves Pontes Sodré

## Introdução

As discussões aqui propostas acerca das rodas de conversa com crianças como estratégia de investigação do brincar são advindas de uma pesquisa de doutorado, que teve como foco o brincar de crianças da Educação Infantil do campo. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir das discussões e reflexões sobre infância e educação produzidas em um grupo de pesquisa que tem como foco o tema Desenvolvimento Social. Em linhas gerais, os estudos desenvolvidos pelo grupo estão voltados para análises de diferentes infâncias, seus processos e contextos de desenvolvimento. As propostas metodológicas das pesquisas são específicas, respeitam o objetivo de cada estudo e têm como princípio comum a contribuição das crianças como protagonistas e informantes críticos. A exemplo disso podemos citar os estudos de Cassimiro (2012), Queiroz (2013), Laurindo (2014), Jauris (2015), Ponte (2015), Oliveira (2016) e o estudo aqui apresentado (silva, 2016). São, também, estudos que percebem a criança e o seu processo de desenvolvimento a partir da perspectiva sócio histórico cultural em diálogo com a Sociologia da Infância.

Quando tratamos as crianças como participantes da pesquisa e informantes legítimos do que diz respeito a elas, tais como a educação, a saúde e suas relações, nos inserimos nos processos das pesquisas com crianças e reconhecemos ser este um grande desafio, pois concordamos com Redin (2009) que, ao discutir métodos ou modos de pesquisa com crianças, chama a nossa atenção para o fato de que ainda necessitamos de elementos que nos ajudem a dimensionar o caráter criativo nas culturas das infâncias. Com essa premissa, o brincar da criança pode ser tomado como esse elemento, tendo em vista que pode revelar aspectos de diferentes realidades infantis, resultado da reprodução, criatividade e interpretação das crianças.

Uma possibilidade para discutir a temática do brincar consiste em explorar as perspectivas teóricas que se debruçam sobre o tema e sobre a variação de termos que envolvem a atividade ou o ato e os objetos de quem brinca. Lúdica, brincadeira e jogo são alguns exemplos que estão relacionados a estas atividades. Os termos brincar e jogar relacionados ao ato e o termo brinquedo relacionado aos objetos desencadeadores ou presentes na atividade. São terminologias empregadas a partir da concepção teórica e/ou da proposta dos estudos sobre o tema e merecem uma exploração cuidadosa, como podemos encontrar nos trabalhos de Silva (2007), Patiño (2010), Marques e Bichara (2011) Oliveira (2011), Barros (2012), Spréa e Garanhani (2014). A opção que fazemos neste artigo consiste em outra possibilidade: assumir a discussão do brincar, articulando concepções sobre brincadeira, vivência e cultura na perspectiva sociohistórica de Vigotski. Embora reconheçamos que essa não seja a única possibilidade de escolha, essa opção foi feita pela compreensão de que tais discussões vão ao encontro da compreensão que temos do brincar como um processo que desvela especificidades das crianças e do meio no qual a criança vive, de forma a contribuir com os estudos que compartilham da perspectiva sociohistórica.

Na pesquisa de campo que alicerça as discussões deste artigo, escolhemos as rodas de conversa junto às crianças como estratégia de investigação sobre o brincar, sendo que as interlocuções nas rodas de conversa foram subsidiadas por fotos tiradas durante observações, com o foco em situações de brincadeira. Um procedimento amplamente empregado em

pesquisas que têm como foco a criança é a observação. Prado (2002) usou a observação da rotina de crianças em uma creche, buscando compreender especialmente as brincadeiras, vistas como fenômeno educativo e a creche como espaço de cultura e Educação Infantil. Escolhemos esse estudo para refletir sobre a observação porque a autora elegeu a rotina integral, após perceber que a brincadeira ocorre nos diversos espaços da creche e de várias formas: entre pares e individualmente, com e sem a participação de adultos. Em pesquisas dessa natureza, não se trata de isolar momentos, sujeitos ou espaços, mas conseguir entender esse sujeito nas relações e no contexto do qual fazem parte, lembrando que “conhecer as crianças enquanto grupo que se relaciona e cria sentidos e significados para o mundo requer tempo, sensibilidade e, principalmente, desprendimento de um olhar adultocêntrico viciado” (Redin, 2009, p. 118). Esse exercício depende de planejamento detalhado e de compromisso com essa concepção de crianças como atores sociais.

Na pesquisa sobre brincadeiras em creche, Prado (2002, p. 97) diz: “mesmo não se tratando de um estudo entre culturas diferentes, num sentido de oposição ou dicotomização entre adultos e crianças, busquei compreender as diversas formas de expressões e manifestações culturais das crianças pequenininhas...”, ressaltando o ponto de vista que nos interessa, de conhecer modos de interações e especificidades do brincar, independente de compará-los com outros modos e realidades.

Na pesquisa aqui referida, as observações ocorreram ao longo do turno de funcionamento da escola, tiveram como foco o brincar das crianças e tais atividades foram fotografadas em diferentes momentos e espaços. Com relação ao uso de fotografias nas rodas de conversa, concordamos com Justo e Vasconcelos (2009) quando consideram que:

o encontro da fotografia com a narrativa incita o contato com questões, o dialogar, o colocar-se frente a si mesmo e reconstruir-se, através da fotografia que, tal como a imagem nos sonhos abre caminho para a expressão do sujeito, de sua subjetividade e de seu modo de ver e compreender suas vivências. (p. 771)

Além das fotografias, foi feito o registro do desenvolvimento das brincadeiras em diário de campo, como forma de descrever as cenas fotografadas. Após uma série de observações com registros fotográficos e cursivos, ocorria uma roda de conversa, onde as crianças tinham acesso às imagens tiradas delas próprias e eram estimuladas a discorrer a partir das cenas fotografadas. O registro fotográfico não foi empregado somente como um procedimento auxiliar na etapa posterior à pesquisa de campo, na escrita do trabalho. As fotografias tiradas das crianças brincando foram tratadas, conforme Gobbi (2011), como produto material, evidenciando as relações sociais e aspectos daquele grupo de crianças. As fotografias reveladas e de posse das crianças nas rodas de conversa também foram materiais ativos da pesquisa e colaboraram na produção do conhecimento sobre o brincar dessas crianças.

Sobre o que eleger como brincadeira passível de ser observada e fotografada, partilhamos das posturas metodológicas que empregam os termos geração e produção de dados, pois entendemos que o dado é construído a partir da relação e interação do pesquisador com o campo de pesquisa, tendo em vista que significa que eleger algo como dado envolve conhecimento prévio, reflexão e sensibilidade do pesquisador, de forma que algo relevante para um pesquisador pode ser tratado como secundário para outro pesquisador (Pedrosa & Carvalho, 2005; Buss-Simão, 2014).

Assim, foram registrados diferentes tipos de atividade de brincadeiras: individual ou coletiva, com ou sem brinquedo. Salientamos, ainda, que diante dessa subjetividade que

atravessa a produção de um dado, é possível que atividades vivenciadas pelas crianças como brincadeiras tenham escapado ao olhar do observador.

Foram pesquisados aspectos que possibilitaram compreender especificidades do brincar e do contexto de vivência das crianças a partir do brincar. Segundo Aguiar (2007, p. 131): “cabe ao pesquisador... ir em busca das determinações (históricas e sociais), que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses (que são, portanto, individuais e históricos), para chegar ao sentido atribuído/constituído pelo sujeito”. Assim, ver e ouvir as crianças com o apoio das fotos foi um exercício fundamental para a compreensão do brincar das crianças participantes, crianças do campo.

Destarte, a proposta neste artigo é de discutir a estratégia das rodas de conversa na investigação do brincar e para tanto faremos, na primeira sessão, uma apresentação da estratégia que intitulamos de roda de conversa e a participação desta estratégia em uma pesquisa com o foco no brincar. Na segunda sessão, o brincar é destacado como um processo do desenvolvimento humano e passível de ser investigado a partir das rodas de conversa. Na última sessão faremos algumas considerações sobre as rodas de conversa como estratégia metodológica de pesquisa.

### **Rodas de conversa**

Apesar da reconhecida efetividade das interlocuções individuais com crianças, o procedimento do grupo, como são as rodas de conversa, oferece a possibilidade de que as ideias e experiências de uma criança sejam partilhadas, complementadas e/ou aprofundadas por outras crianças. Os estudos no grupo de pesquisa Desenvolvimento Social, assim como as experiências como pesquisadoras em espaços de Educação Infantil, proporcionaram o contato com as rodas de conversa com os mais variados objetivos. Na rotina da Educação Infantil a roda de conversa pode ser empregada como estratégia pedagógica para compartilhar novidades, para contar sobre o final de semana, para discutir um tema, para compartilhar músicas, entre tantas outras propostas. Na pesquisa é uma intervenção que possibilita a interlocução a respeito de um tema, sem uso de materiais de apoio ou com uso de materiais, tais como: desenhos, vídeos, fotografias, entre outros. Como exemplos da utilização destes materiais, citamos Ponte (2014), que também recorreu às análises das crianças em brincadeiras; Queiroz (2013) e Jauris (2015), que empregaram vídeos das crianças para serem analisados por estas *a posteriori*.

No que diz respeito aos procedimentos adotados, Motta (2013) realizou uma pesquisa exploratória cujo objetivo foi investigar a roda de conversa como prática dialógica. A observação das rodas de conversa ocorreu com uma turma de crianças entre dois e três anos e uma turma de crianças entre três e quatro anos. Consideramos importante o relato desta pesquisa, diante da carência que temos de técnicas em grupo com crianças tão pequenas. Diante dos resultados da observação, a autora faz pontuações marcando a ausência de habilidade de uma das professoras nas rodas de conversa: “a professora parece não aproveitar a chance de exercer função mediadora para com as crianças... o conteúdo dito pedagógico ocupava lugar central nas falas da professora, sem que fosse possível também a ela estabelecer diálogos” (Motta, 2013, p. 77). Por outro lado, diante de uma observação em outra turma, com um tempo maior dispensado às rodas de conversa, como atividade planejada e considerando novos elementos que surgem trazidos pelas crianças, as pontuações giram em torno do quanto esta prática é proveitosa: “os conflitos que surgem no grupo são administrados, não há uma expectativa de que as crianças permaneçam passivas, escutando o que a professora tem a dizer. Não há tampouco a indução de respostas” (Motta,

2013, p. 81). Temos aí um exemplo de uma prática pedagógica, a roda de conversa, com crianças de dois, três e quatro anos, cujo êxito tem relação direta com o manejo do adulto que a propõe. Ao ponderar o fato de o pesquisador ocupar outro lugar na rotina de uma instituição de Educação Infantil, lugar diferente do que ocupa a professora e que pode ter o significado de um estrangeiro, as discussões apresentadas por Motta (2013) consolidaram o nosso interesse em empregar a roda de conversa como estratégia metodológica junto a crianças de quatro e cinco anos que estão na Educação Infantil.

A pesquisa que subsidia as discussões neste artigo teve como tema o brincar das crianças do campo. A pesquisa de campo foi feita com uma turma composta por oito crianças (cinco meninos e três meninas) da Educação Infantil da rede pública de Vitória da Conquista, no sudoeste baiano<sup>2</sup>. As rodas de conversa foram empregadas como uma das estratégias de investigação e ocorreram com um número reduzido de crianças (grupos mistos de quatro crianças), como uma variação do grupo focal apresentado por Millward (2010, p. 280) como: “uma entrevista baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal”. Entendemos que um procedimento grupal possibilita uma compreensão ampla e profunda de um tópico, que neste caso diz respeito aos discursos, sentimentos, percepções, gestos, conflitos e conceitos, das crianças acerca do brincar, enriquecido pelas interações que são possibilitadas na configuração grupal. Ao longo da realização da pesquisa confirmou-se a expectativa de que a interação provocada pelas rodas de conversa favorecesse a percepção, o debate, a curiosidade e manifestações corporais a respeito do ponto central, o brincar. A expectativa com relação à diversidade de manifestações corporais, também presentes na roda de conversa, encontra respaldo nos resultados da pesquisa com crianças realizada por Queiroz (2013, p. 71): “Cada criança expressava suas reflexões e análises de modo bem singular, algumas priorizando as falas, outras falando ao mesmo tempo em que se movimentavam, ou contando histórias, ou gesticulando. Todas exploravam a simultaneidade desses modos de expressão”. A autora relata que, no processo da pesquisa, ao assistirem aos vídeos em que apareciam nas aulas de dança, algumas crianças levantavam e repetiam os movimentos da dança, explicando cada um desses movimentos. Elas participavam ativamente do processo de interlocução com a pesquisadora.

Acrescentamos a isso as questões apontadas por Ressel (2008) que, além de confirmarem os procedimentos grupais como propícios ao aprofundamento de debates de temas, alerta também para a necessidade do uso de recursos apropriados para o debate. Na estratégia da roda de conversa estes recursos foram fotografias tiradas previamente durante um processo de observação. Como Gobbi (2011, p. 153) afirma: “na ausência do objeto a fotografia o traz de volta”, assim, nas rodas de conversa as crianças manusearam as fotografias de si próprias brincando, como forma de tornar presente o brincar, e tiveram o discurso disparado com o apoio de questionamentos feitos pela pesquisadora e, como discutem Justo e Vasconcelos (2009), a fotografia possibilitou a emergência da subjetividade das crianças.

O roteiro de questionamentos empregado na roda foi elaborado a partir dos dados construídos, oriundos da observação inicial no contexto da pesquisa, registrados nas fotografias, no propósito de favorecer a discussão com foco no brincar e não como lacunas

---

2. Antes de fazerem parte da pesquisa, as crianças participantes e os responsáveis por elas foram esclarecidos sobre a importância do estudo, os objetivos, os procedimentos de construção do *corpus* e sobre a questão sigilosa dos registros. Neste sentido, foram solicitadas autorizações por escrito, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido individual, dos responsáveis e as crianças consentiram verbalmente a participação na pesquisa, assim como a divulgação das imagens fotográficas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, parecer nº 370.146.

a serem preenchidas pelas falas dos participantes. O roteiro serviu apenas como disparador e outras questões foram surgindo a partir da interação das crianças com as fotografias, assim como da interação entre crianças.

Assim, durante as observações as fotos eram tiradas e, após a seleção das mesmas, organizaram-se, em momento posterior, as rodas de conversa. Em cada data planejada para a realização da roda de conversa, a turma composta por oito crianças foi dividida aleatoriamente pela professora em dois grupos equivalentes quanto ao número de participantes e mistos quanto ao gênero. Enquanto um grupo permanecia na sala, em atividade com a professora, o outro grupo se dirigia para a secretaria para participar da roda de conversa. Ao final da roda de conversa, os grupos trocavam de lugar e atividade: aquele grupo que estava em atividade na sala com a professora se dirigia para a secretaria, e vice-versa. As rodas foram videogravadas por uma assistente de pesquisa e o material produzido foi transcrito.

### **A produção dos dados sobre o brincar nas rodas de conversa**

A produção do material junto às crianças, nas rodas de conversa, a partir do brincar, teve por objetivo analisar elementos ou fatores que poderiam contribuir para a análise das vivências das crianças do campo, concebendo a vivência como a relação da criança com o meio, como a forma que a criança toma consciência, concebe e se relaciona afetivamente com o meio (Vigotski, 1935/2010). As rodas de conversa com as crianças se assemelham a entrevistas e podem ser descritas, segundo Bardin (2011), como entrevistas com roteiros curtos e fáceis. Feita a roda (compostas por quatro crianças e mistas com relação ao gênero), cada criança recebia uma fotografia e a interlocução iniciava a partir das seguintes questões: “O que você está fazendo nesta foto?”. No decorrer do processo de interlocução, outras perguntas eram feitas, quais sejam: “De que você está brincando?”, “Onde você está brincando?”, “Quem te ensinou essa brincadeira?”, “Conta pra mim: como é essa brincadeira?”. As discussões produzidas a partir de cada uma das questões ofereceram elementos para a compreensão de significados e de alguns sentidos do brincar e da realidade vivida pelas crianças, partindo da ideia do brincar como um processo sócio histórico cultural carregado de marcas concretas do contexto no qual os sujeitos crianças vivem, como linguagem da criança e como expressão de suas vivências.

Apresentamos a seguir alguns trechos de uma Roda de Conversa com quatro crianças (Ismael, Carlos, Bijú e Flora)<sup>3</sup>, no propósito de ilustrar como transcorreram e como as questões possibilitaram análises sobre o brincar nas relações sociais e no contexto das crianças. No primeiro momento, a pesquisadora mostrava cada foto e a respectiva criança se identificava e pegava a foto. Deste modo, a pesquisadora direcionava a atenção de cada uma das crianças para as brincadeiras fotografadas e dava início às discussões e análises a partir das brincadeiras retratadas nas fotos selecionadas. Em seguida, iniciava o diálogo com uma das crianças, tal como pode ser visto abaixo:

**Pesquisadora:** *Muito bem... Ismael, vou começar conversando com você. Você se lembra o que estava fazendo aí nessa foto?*

**Ismael:** *Brincando.*

**Pesquisadora:** *Brincando de que?*

**Ismael:** *De... montar...*

**Pesquisadora:** *Hum... e você gosta de montar o que?*

3. Os nomes das crianças participantes são fictícios.

**Ismael:** *De fazer casa.*

**Pesquisadora:** *E quem mora nessa casa?*

*Ismael: Eu.*

**Pesquisadora:** *E na sua casa, quem mora?*

**Ismael:** *Minha mãe, meu pai, meu irmão e eu.*

**Pesquisadora:** *Como é o nome do seu irmão?*

**Ismael:** *Diogo.*

...

Como se pode ver neste diálogo, uma das características do processo de interlocução é o cuidado em utilizar as palavras da criança para aprofundar a análise pretendida pelo estudo. Quando a criança responde: “Brincando”, a pesquisadora pergunta: “Brincando de que?”, e, com este cuidado, o diálogo prossegue e evitamos induzir as respostas ou influenciar as respostas subsequentes. Prosseguindo, a pesquisadora apresenta novas questões desencadeadoras de novos processos de interlocução, com vistas a descrever o contexto de desenvolvimento desta criança e de sua configuração familiar, vejamos:

...

**Pesquisadora:** *Ele (o irmão de Ismael) é grande ou pequeno?*

*Ismael: Grande.*

**Pesquisadora:** *Ele estuda aqui?*

**Ismael:** *Não, ele estudava e não estuda mais.*

**Pesquisadora:** *Sua professora me falou que de vez em quando você vai para o centro em Conquista<sup>4</sup>.*

*Ismael: É.*

**Pesquisadora:** *E você vai para casa de quem?*

**Ismael:** *Minha mãe.*

**Pesquisadora:** *Sua mãe não mora aqui com você?*

**Ismael:** *Não, ela mora lá em Conquista e ela vem aqui.*

**Pesquisadora:** *Ah, entendi. E você mora aqui e vai lá. A casa de lá é diferente da casa daqui?*

**Ismael:** *É, lá é pequena.*

**Pesquisadora:** *E quem mora lá com sua mãe?*

**Ismael:** *Meu irmão e minha madrinha.*

**Pesquisadora:** *E aqui, você fica na casa com quem?*

**Ismael:** *Com minha vó.*

**Pesquisadora:** *Entendi, quando você vai pra Conquista você não vem para escola e quando você fica aqui com a sua avó, você vem para escola...*

---

4. Apesar do meio rural ser do município de Vitória da Conquista, se referem a ‘Conquista’ quando falam ou vão à sede do município.

**Ismael:** *Humrum (expressão de concordância).*

Ismael é uma criança que vive entre a casa da avó no campo e a casa da mãe na cidade. Esta configuração reflete uma característica comum da comunidade pesquisada: os pais das crianças trabalham na sede do município porque não têm trabalho na zona rural, ou seja, não vivem do trabalho direto com a terra. Esta questão apontada evoca a noção das novas ruralidades discutida por Favaretto (2014), quando diz que a produção primária é uma dentre muitas funções do rural. Neste cenário, podemos incluir a família de Ismael, que é do campo, mas uma parte mora no campo e outra parte mora na sede do município, por falta de opção de trabalho no campo.

O tema do brincar, mesmo quando não estava relacionado à brincadeira fotografada, ganhava centralidade na interlocução, a exemplo do trecho abaixo, ainda no diálogo com Ismael:

...

**Pesquisadora:** *E na casa da sua avó, você brinca?*

**Ismael:** *De pega-pega com meus primos.*

**Pesquisadora:** *E lá na casa da sua mãe em Conquista, você brinca?*

**Ismael:** *Brinco.*

**Pesquisadora:** *Brinca de que?*

**Ismael:** *Com meu irmão, de pegar nos cachorros.*

**Pesquisadora:** *É? Lá tem cachorro?*

**Ismael:** *Tem.*

...

A totalidade do material produzido nas rodas de conversa permitiu sublinhar possíveis elementos presentes nas vivências das crianças, a exemplo das escolhas das brincadeiras, das companhias para brincar e da presença dos animais nas brincadeiras, como pode ser apreciado no trecho acima.

A partir deste processo de interlocução inicial, a pesquisadora passava a solicitar que descrevessem a brincadeira da foto com o mesmo cuidado, ou seja, com o propósito de aprofundar a descrição das crianças a partir das palavras que elas mesmas emitiam. A análise do material produzido nas rodas de conversa teve o propósito de responder acerca das marcas ou especificidades que as crianças do campo apresentam quando brincam na escola.

Cabe destacar que as análises das interlocuções durante as rodas possibilitaram depreender significados e alguns sentidos sobre o brincar e sobre a vivência dessas crianças em seu contexto de desenvolvimento, o campo. Nas rodas, as interlocuções entre pesquisadora e crianças, assim como entre crianças, possibilitaram a construção desses significados e a possibilidade de apontar alguns sentidos sobre o brincar e sobre especificidades do campo. Este último aspecto da análise foi produzido a partir das marcas do meio onde vivem essas crianças, que emergiram das rodas. Quando a criança brinca ela dialoga sobre as suas vivências, emprega o seu repertório cotidiano, as marcas das suas relações e os elementos da sua realidade socioeconômica e cultural, como significações vivenciadas nas relações e em seus contextos. Para tanto, as rodas de conversa foram registradas em vídeo e áudio por uma assistente de pesquisa e foram transcritas posteriormente.

O brincar na escola foi tomado como parte do processo de mediação entre o local onde vivem (o campo) e a escola, como revelador do social e do individual dos sujeitos pesquisados, mas outras relações e temas foram abordados, referentes às particularidades das crianças do campo, com novas questões que foram surgindo: “De que brincam em casa?”, “Com quem brincam em casa?”, “O que fazem em casa quando não estão na escola?”, “Quais animais conhecem?”. Assim, a partir do relato sobre o brincar e sobre a vivência da criança, os significados das brincadeiras e as especificidades do campo foram se materializando.

### **As rodas de conversas como estratégia metodológica de pesquisa**

As rodas de conversa como escolhas metodológicas foram feitas com a finalidade de que a interlocução com as crianças e entre as crianças (a partir das fotografias) sobre o brincar (o vivenciado fotografado) revelassem especificidades, em um momento de vivência posterior ao brincar (durante a roda de conversa). Assim, ver e ouvir as crianças com sensibilidade nas rodas apresenta-se como um exercício fundamental para compreensão do brincar da criança, pois as crianças falam dos brinquedos e brincadeiras preferidos, assim como fazem referência à origem de muitas brincadeiras, envolvendo aspectos sociais e culturais das mesmas.

O percurso trilhado na produção dos dados da pesquisa de campo que originou esta discussão permitiu depreender muitos aspectos da relação das crianças pesquisadas com o brincar, assim como da constituição dessas crianças como sujeitos ativos e produtores de conhecimento acerca de elementos de sua vivência. Os resultados produzidos evidenciam que podemos aprender sobre as crianças e seus modos de vida a partir do brincar, pois a subjetividade das crianças emerge neste processo, do embricamento entre os conteúdos das brincadeiras e os elementos do cotidiano das crianças. As crianças, nas suas singularidades, permitem delinear as questões que dizem respeito ao seu meio cultural e às suas relações. Além disso, a ênfase na criança do campo implicou no desvelamento da linguagem do brincar, que apesar de ter ficado restrito à infância destas crianças, é fundamental para a constituição da história de vida de cada uma dessas crianças, bem como para os estudos sobre o desenvolvimento humano.

O percurso em busca de conhecimentos sobre especificidades do campo a partir do brincar, envolveu: assumir a criança como apta a falar sobre o campo e sobre os processos vivenciados e, conseqüentemente, como participantes legítimos das pesquisas a respeito dos processos que dizem respeito a elas; conceber o brincar como um processo sociohistórico e cultural, carregado de marcas concretas do contexto no qual os sujeitos crianças vivem, assim como conceber o brincar como uma linguagem da criança e expressão de suas vivências; reconhecer as especificidades do campo no processo de desenvolvimento de suas crianças; e argumentar em prol de uma Educação Infantil do Campo que respeite e dialogue com as características sociais, culturais e históricas dos diferentes contextos camponeses.

### **Referências**

- Aguiar, W. M. J. (2007). A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. In A. M. Bock, M da G. M. Gonçalves, & O. Furtado. (Orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia* (pp. 129-140). São Paulo: Cortez.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

- Barros, J. L. da C. (2012). *Brincadeiras e relações interculturais na escola indígena: um estudo de caso na etnia Sateré-Mawé* (Tese de Doutorado, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba). Recuperado de [http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/17092013\\_162250\\_joaoluiz.pdf](http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/17092013_162250_joaoluiz.pdf)
- Buss-Simão, M. (2014). Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, 14(41), 37-59. doi: 10.1590/198053143367
- Cassimiro, M. A. D. (2012). *Os Espaços de Educação Infantil no Campo na Lente das Crianças* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Favareto, A. (2014). A Educação nos marcos das transformações do rural contemporâneo. *Educ. Soc.*, 35(129), 1137-1163. doi: 10.1590/ES0101-73302014144331
- Gobbi, M. A. (2011) Num click: meninos e meninas nas fotografias. In Martins Filho, A. J., & Prado, P. D. (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância* (pp. 129-157). Campinas: Autores Associados.
- Jauris, R. B. (2015). *Autonomia em episódios interativos entre professora e crianças da educação infantil*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Justo, J. S., & Vasconcelos, M. S. (2009). Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 760-774. Recuperado de [HTTP://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n3/v9n3a13.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n3/v9n3a13.pdf)
- Laurindo, M. J. da S. F. (2014). *Gente Pequena e Gente Grande – O que dizem as crianças de um CMEI em Eunápolis – BA sobre ser criança e ser adulto*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Marques, R. de L., & Bichara, I. D. (2011). Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade. *Estudos de Psicologia*, 28(3), 381-388. doi: 10.1590/S0103-166X2011000300010
- Millward, L. J. (2010). Grupos Focais. In Breakwell, G. M., Fife-Schaw, C., Hammond, S., & Smith, J. A. *Métodos de pesquisa em Psicologia*. (pp. 278-301). Porto Alegre: Artmed.
- Motta, F. (2013). Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica. In Rocha, E. A.C., & Kramer, S. (Orgs.). *Educação Infantil: enfoques em diálogo*. (pp. 67-84). Campinas: Papirus.
- Oliveira, R. R. da S. (2016). O que dizem e expressam as crianças de uma instituição de Educação Infantil sobre as práticas pedagógicas de suas professoras (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Oliveira, E. D. F. de. (2011). *A significação do lúdico na cultura Bororo: o brincar e o brinquedo na construção da identidade* (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande). Recuperado de <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8205-a-significacao-do-ludico-na-cultura-bororo-o-brincar-e-o-brinquedo-na-construcao-da-identidade.pdf>
- Patiño, J. F. (2010). *Compreendendo como as crianças significam o direito de brincar* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal). Recuperado de <http://www.adcl.org.pt/observatorio/pdf/Direitoabrincardissertaca2009.pdf>
- Pedrosa, M. I., & Carvalho, A. M. A. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 431-432. doi: 10.1590/S0102-79722005000300018

- Ponte, A. E. de S. (2014). *O brincar na escola da criança que cursa o 1º ano do ensino fundamental* (Tese de Doutorado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Prado, P. D. (2002). Pesquisa, brincadeira e educação infantil. In Faria, A. L. G. de, Demartini, Z. de B. F., & Prado, P. D. (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. (pp. 93-111). Campinas: Autores Associados.
- Queiroz, F. C. (2013). *A dança na Educação Infantil a partir da escuta das crianças* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Redin, M. M. (2009). Crianças e suas culturas singulares. In Müller, F., & Carvalho, A. M. (Orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. (pp. 115-126). São Paulo: Cortez.
- Ressel, L. B., Beck, C. L. C., Gualda, D. M. R., Hoffmann, I. C., Silva, R. M. da, & Sehnem, G. D. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto, Contexto, Enfermagem*, 17(4), 779-86. doi: 10.1590/S0104-0707200800040002
- Silva, C. V. M. da. (2016). *O brincar das crianças do campo e a Educação Infantil* (Tese de Doutorado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador).
- Silva, C. V. M. da. (2007). *Faz-de-conta que eu brinco: o comparecimento da brincadeira na educação infantil da rede pública de Vitória da Conquista – Bahia* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal).
- Spréa, N. E., & Garanhani, M. C. (2014). A criança, as culturas infantis e o amplo sentido do termo brincadeira. *Rev. Diálogo Educ.*, 14(43), 717-735. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189132834005>
- Vigotski, L. S. (1935/2010). Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. *Psicologia USP*, 21(4), 681-701. doi: 10.1590/S0103-65642010000400003